

A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO E A APRENDIZAGEM DA ATUAÇÃO TEATRAL

Coordenador: ANA CECILIA DE CARVALHO RECKZIEGEL

O curso Introdução a Interpretação Teatral: Corpo, Voz, Ação, é um curso de iniciação teatral, com duração de dois semestres, num total de 168h/a. É dirigido à comunidade em geral e não exige nenhuma experiência anterior. Tem como objetivo propiciar o aprendizado prático e teórico da interpretação teatral, possibilitar à comunidade o acesso às atividades desenvolvidas pelo Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS, e oportunizar a capacitação e treinamento de alunos bolsistas. É estruturado em dois módulos. No Módulo I são introduzidos os conteúdos básicos para a instrumentalização do ator e a construção da expressividade cênica. Os principais conteúdos são: consciência corporal, jogos, jogos dramáticos, contracenação, introdução à leitura e análise do texto dramático, e trabalho com textos e canções. No Módulo II, é trabalhada a montagem de uma cena e esboço de personagem, aplicando os conteúdos desenvolvidos no primeiro módulo. Ao final é feita a apresentação pública das cenas trabalhadas. Ao contrário de um pintor, que utiliza como instrumental de trabalho sua tela, pincéis e tintas, e tem como observar de fora sua obra artística, ao mesmo tempo que a executa, o ator é ao mesmo tempo o instrumento e a obra. Sua obra é efêmera, nasce e morre no mesmo instante em que uma peça teatral está sendo executada. O aprendizado da arte da atuação teatral exige um envolvimento completo do corpo, da mente e da emoção do aprendiz. Ao exigir este total envolvimento, faz com que nos deparemos com nossas mais profundas limitações. É um processo de aprendizado sensível, e seus primeiros passos devem ser muito bem planejados. O procedimento utilizado no curso para esta iniciação é o princípio da experimentação, segundo propõe Spolin (1987). Mas para que o aluno sinta-se à vontade para experienciar, é preciso que esteja integrado a um grupo, com o qual tenha um bom relacionamento. Para a autora, um grupo saudável é aquele em que os indivíduos trabalham "[...] interdependentemente para completar um projeto, com total participação individual e contribuição pessoal [...]" (p.8), sem a dominância de um membro sobre os demais. Para atingir esta relação saudável entre os indivíduos de um grupo, o procedimento é a utilização de jogos. O jogo é uma atividade altamente social e uma forma natural de constituição de grupo. Ao ser jogado, ele possibilita "[...] o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência" (SPOLIN, 1987, p.4). Nas aulas, durante a execução dos jogos, vai se construindo um espírito de grupo. Isto acontece porque o ato de jogar, que segue regras

pré-estabelecidas, exige uma relação de cumplicidade e respeito entre os participantes. Percebe-se que as relações, que aí se estabelecem, são criadas ludicamente, gerando uma atmosfera de descontração e de confiança mútua, que contamina todos os momentos da aula. O curso iniciou no dia 16 de Maio e já é possível perceber que, com dois meses de trabalho, o grupo atingiu um grande entrosamento. Ao perceber este espírito de grupo se consolidando em um espaço de tempo tão curto, comecei a centrar minha atenção na relação estabelecida pelos alunos durante o jogo, numa tentativa de compreender como seus elementos propiciam este entrosamento. Nos primeiros dias de aula, era visível a heterogeneidade do grupo. As idades de seus integrantes variam entre 20 e 44 anos, havendo um encontro entre profissionais de diversas áreas, desde arquitetos, carteiros, professores e comerciários, até estudantes. Alguns tinham como desejo perder a timidez, seja nas relações pessoais ou nas profissionais, enquanto outros almejavam a instrumentalização para uma futura carreira artística. Devido às diferenças e à experiência de vida de cada um, as reações às primeiras propostas de jogo foram diversas. Vários se mostraram tímidos em relação ao trabalho, havendo até mesmo casos em que alguns alunos não conseguiram se desprender da realidade para entrarem nas propostas lúdicas. Em contraponto, relações de generosidade também podiam ser vistas nos primeiros encontros, onde os alunos mais extrovertidos estimulavam os colegas mais tímidos a se envolverem no jogo. Após alguns dias de trabalho já era possível notar uma descontração e o surgimento de laços de amizade entre os participantes, o que foi importante para o envolvimento do grupo. Através do jogo, os alunos se desinibem, abrindo-se para a experiência, como coloca Spolin(1987). Esta experiência pode ser vivenciada de diversas maneiras, de acordo com o jogo proposto. No jogo que denominei "contagem aleatória", por exemplo, eles, em círculo, deviam contar de 1 até 20, sem que um falasse ao mesmo tempo que o outro, e sem combinar previamente uma ordem para a contagem. Para o jogo acontecer deve haver uma grande concentração e atenção do grupo para não falarem ao mesmo tempo e encontrarem um momento para dizerem o próximo número. Através desta plena concentração, o aluno se livra do mundo que está na sua volta e liberta-se para descobrir, junto com os colegas, formas de realizar o jogo. O jogo foi proposto durante vários encontros. Nos primeiros dias eles não conseguiram realizá-lo; no entanto, após alguns dias de tentativas, o grupo conseguiu atingir a contagem até o número 20. Neste caso, a convivência e a experimentação contínua da proposta, que lhes possibilitou aguçar a capacidade de percepção e reconhecer o ritmo de jogo dos demais colegas, foi necessária para realizarem com sucesso a proposta. Após esses dois meses de trabalho, colocamos a seguinte questão para os alunos: Como se sentem em relação ao grupo desde o início do curso até

agora? O teatro contribui para esta relação? As respostas foram: "A gente se sente mais próximo"; "Às vezes, na rua, no trabalho, a gente nem olha no olho do colega. Aqui a gente se permite olhar, errar. Acho que esse entrosamento tá legal. Aqui dentro tá todo mundo mostrando seu 'eu' sem estresse"; "Tu olhar as pessoas é tu te encarar e ser honesto contigo mesmo"; "É legal porque a gente se vê nos outros, aprende com os erros dos outros. A gente aprende vendo um colega errando". Um dos elementos mais abordados nas respostas foi a questão do "olhar", que é o principal elo de ligação para a comunicação dentro do jogo. Essa forma de comunicação descoberta por cada um, é levada então para fora do jogo, envolvendo e consolidando o grupo. Dentro da heterogeneidade do grupo, pude perceber que se formaram objetivos pessoais e coletivos, o que me leva, a partir dos subsídios obtidos através da participação e observação das aulas, principiar uma reflexão presumindo que a principal função do curso, através dos jogos propostos em aula, seria proporcionar a vivência e a experimentação, individual ou coletiva, criando a partir da atividade de jogar uma nova forma de socialização, compreendida aqui como "[...] a transmissão e a assimilação de padrões de comportamentos, normas, valores e crenças, bem como o desenvolvimento de atitudes e sentimentos coletivos pela comunicação simbólica. Socialização, portanto, é o mesmo que aprendizagem, no sentido mais amplo dessa expressão (VILA NOVA, 2000, p.48). Esta nova socialização, portanto, viabiliza e é ela mesma um aprendizado, o qual, venho constatando, é indispensável para o aprendizado da atuação teatral. SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1987. VILA NOVA, Sebastião. Introdução à Sociologia. 5. ed. (rev. e aum.). São Paulo: Atlas, 2000.